

# A CIÊNCIA PATO-LÓGICA<sup>1</sup>

*Antonio Carlos de Azevedo Lobão<sup>2</sup>*

## 1. PRÓ-LOGO PARA PATÓ-LOGOS

Uma pesquisa no sistema de bibliotecas da Unicamp revelou a presença de apenas um título dedicado a Walt Disney<sup>3</sup>, escrito na década de setenta, no Chile de Allende<sup>4</sup>. Esta situação não é diferente na maioria das universidades brasileiras. Entretanto, é provável que se pudéssemos procurar nos lares da maioria das pessoas encontraríamos mais revistas em quadrinhos Disney do que livros.

Diversas são as explicações para justificar o fosso entre o que é lido pelos intelectuais e o que é lido pelo povo. O que nos importa, neste momento, é que, consideradas como uma espécie de sublitteratura, ou como produtos descartáveis e desinteressantes, as revistas em quadrinhos permanecem distantes dos meios acadêmicos, e nem como objeto de estudo têm ocupado papel relevante no Brasil.

Enquanto isto, dezenas de novos títulos são lançados anualmente nas bancas de todo o país. Milhares de revistas são semanalmente

---

1 O título original deste ensaio era "O processo neurolingüístico de aquisição ou transferência do conhecimento, ministrado em espaço definido e tempo limitado, sobre o engendramento de objetos reais e imaginários que signifiquem efetivo avanço na fronteira do conhecido: um estudo de caso" em homenagem ao estilo literário e à grande capacidade de comunicação e síntese de uma parcela expressiva da comunidade científica. Na linguagem dos quadrinhos este ensaio seria chamado, simplesmente, "Aula de Invenções", título idêntico ao de uma das histórias analisadas.

2 Professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUCCAMP). Doutorando em Política Científica e Tecnológica pelo Instituto de Geociências da UNICAMP.

3 Sobre histórias em quadrinhos foram encontrados apenas 84 títulos, sendo a grande maioria revistas em quadrinhos "cult", apreciadas pelos intelectuais mas inacessíveis ao leitor comum, uma vez que não são vendidas normalmente em bancas de revistas. De Walt Disney não foi possível encontrar nenhuma revista.

4 Trata-se do livro "Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo", escrito por Ariel Dorfman, publicado em 1971, no Chile. Em 1987, a Editora Paz e Terra reeditou o livro no Brasil, de onde, inclusive, foi retirado o subtítulo deste tópico.

adquiridas e lidas por pessoas de todas as idades e de diferentes graus de instrução e de renda. Batman, Super-Homem, Fantasma, Mickey, Pato Donald, Bolinha e, Luluzinha, e por que não dizer, Mônica, Cascão e Cebolinha, como que tivessem adquirido vida, já se incorporaram ao inconsciente coletivo de gerações de leitores em diversos continentes.

Este ensaio, entretanto, não pretende explicar o menosprezo com que os cientistas têm tratado as histórias em quadrinhos<sup>5</sup>, nem mesmo se deveriam dar, ou não, a elas maior importância.

Também não é intenção discutir porque tais publicações têm milhões de leitores no mundo todo, enquanto grande parte das publicações científicas define nas bibliotecas à espera de um único leitor.

O que se pretende de fato é apresentar um outro lado da história: o que pensam os personagens das histórias em quadrinhos a respeito da ciência e dos cientistas? Que papéis lhes são atribuídos e o que se espera deles?

Mas que relevância poderia ter, por exemplo, conhecer a opinião do Pato Donald ou do Pateta sobre a ciência ou sobre os cientistas? Nenhuma, se acreditarmos que as opiniões desses personagens não são capazes de influenciar crianças e adultos no mundo todo.

No entanto, a verdade é que influenciam e a indústria e as agências de propaganda já perceberam isso. Os personagens de histórias em quadrinhos são freqüentes protagonistas de campanhas publicitárias dos mais diversos produtos<sup>6</sup> e até mesmo de campanhas de saúde pública<sup>7</sup>.

5 Embora muitos deles tenham sido leitores assíduos das mesmas e, talvez, até, ainda o sejam.

6 Em apenas quarenta minutos, passeando por um "shopping center" de Campinas, foi possível encontrar as imagens dos personagens de Disney estampadas nos seguintes produtos: revistas, livros, discos, fitas, bonecos, bonés, camisetas, relógios, bolsas, guarda-chuvas, sabonetes, shampoos, gravatas, fraldas descartáveis, almofadas, canetas, chocolates, bicicletas, lancheiras, cadernos, mamadeiras, perfumes, toalhas, refrigerantes, biscoitos, tênis, meias, sopas, sucos de frutas e maçãs.

7 Também as agências de turismo e companhias aéreas, dentre outros, já perceberam o carisma de Mickey e seus amigos.

Não obstante, não se quer aqui afirmar que todos os atos ou opiniões dos personagens de histórias em quadrinhos são automaticamente aceitos ou imitados pelos leitores, o que, certamente, seria um absurdo.

E, embora interessante, a discussão do quanto e do como se dá esse processo de internalização, ou ainda, das formas com que o leitor constrói a realidade ou é construído por ela, não faz parte do escopo desse trabalho<sup>8</sup>.

Se assim fosse, certamente, seríamos remetidos a uma questão ainda mais relevante, sobre a qual este ensaio também não pretende lançar nenhuma luz, qual seja, a do papel das idéias e dos valores no processo de mudança social e de modificação ou conservação das estruturas de uma sociedade.<sup>9</sup>

Assim sendo, o que se propõe aqui é algo bem mais simples, ou seja, é apenas e tão somente identificar de que maneira a ciência e os cientistas são percebidos por determinado grupo de personagens de Disney e, a partir daí, são apresentadas aos seus leitores.

Tal objetivo é factível na medida em que, embora individualmente estereotipados, o conjunto desses personagens acaba por compor um grupo bastante uniforme quanto à sua estrutura de valores, estrutura essa que pode ser apreendida a partir de diversos juízos de valor que são incessantemente repetidos no transcorrer das histórias.

Antes, porém, cabem mais algumas explicações. Embora tenham sido tratadas de forma genérica até aqui, as revistas de histórias em quadrinhos são diferenciadas, refletindo um mercado segmentado, sendo, inclusive, muitas delas destinadas a públicos bastante específicos. No entanto, para esse ensaio, optou-se pela utilização apenas de revistas do grupo Disney, e, dentro deste, da "família" dos patos.

---

8 Também não se pretende discutir a importância das revistas em quadrinhos dentro do conjunto dos meios de comunicação de massa.

9 O debate suscitado pela "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", de Weber, poderia, a meu ver, ser bastante profícuo, se ressurdisse tendo as histórias em quadrinhos como foco.

Tal escolha teve como base o fato de serem essas revistas as grandes campeãs de vendagem desse segmento, além de estarem presentes em diversos países e continentes.<sup>10</sup> Outro fator relevante é que todo esse complexo envolve escritores e desenhistas de diversas partes do mundo<sup>11</sup>, de forma que as histórias percorrem diferentes países e culturas mantendo uma incrível uniformidade quanto a aquela estrutura de valores mencionada.

A escolha da "família" dos patos deve-se a uma constatação um tanto curiosa: nos países desenvolvidos o principal personagem e o carro-chefe das publicações Disney é o infalível Mickey, na América Latina esse papel é ocupado pelo desastrado Pato Donald.<sup>12</sup> Além disso, dentro desse grupo de personagens está aquele que se apresenta como um legítimo representante dos cientistas, o Professor Pardal<sup>13</sup>.

Feitas essas observações, dirigimo-nos então à Patópolis, centro nervoso desse mundo, cidade mais importante e populosa, palco da grande maioria das histórias.

Os elementos abaixo apresentados foram obtidos a partir da leitura de cinquenta e três revistas com esses personagens, publicadas nos últimos quatro anos. Na escolha dessa amostra levou-se em consideração apenas a disponibilidade das mesmas, bem como a presença do Professor Pardal, que, como já foi dito, é o estereótipo do cientista. Embora a validade da mesma possa ser questionada em termos quantitativos, é surpreendente como determinados elementos se reproduzem em quase todas elas<sup>14</sup>.

---

10 As revistas Disney são publicadas atualmente em várias dezenas de países, traduzidas em outras dezenas de idiomas. Além disso, as tiras em quadrinhos estão presentes em milhares de jornais diários ou semanais. Para o conjunto das publicações Disney, estima-se um público semanal de dezenas de milhões de pessoas distribuídas em quase todos os continentes.

11 Embora campeões de vendagem, esses autores não têm sequer os seus nomes publicados. Fato insólito se contraposto à necessidade de reconhecimento, comum à grande maioria dos cientistas.

12 Fato que certamente merece um estudo mais aprofundado.

13 Também pertence a esse grupo o Professor Gavião, antítese do Professor Pardal. Cientista maligno que usa seus conhecimentos para a construção de inventos nocivos às pessoas ou ao direito à propriedade.

14 É com base nesse argumento que são feitas as generalizações presentes neste trabalho.

## 2. O MARAVILHOSO MUNDO DE DISNEY

### AS ETNIAS

As aves brancas compõem o grupo dominante, detentoras do poder econômico, embora não ocupem diretamente o aparelho do Estado. Elas controlam as finanças e delas são as fazendas, os meios de comunicação e grande parte do complexo ligado ao turismo, uma das principais atividades econômicas do mundo de Disney.

Deste grupo faz parte a grande maioria dos "heróis"<sup>15</sup> das histórias, principalmente os patos, embora existam ainda gansos e galinhas e até mesmo um "pardal"<sup>16</sup> que geralmente assumem papel de coadjuvantes.

Dentro do grupo das aves, vale mencionar o Prof. Gavião, única ave a representar o mal, o que não deixa de ser sintomático, pois também é a única ave que não é branca.

Em seguida, dentro dessa estrutura hierárquica étnica, estão os cães e porcos, geralmente membros da burocracia de Estado e do seu aparelho repressor. São prefeitos, políticos, chefes de polícia e militares. Em menor escala aparecem como profissionais liberais (advogados ou contadores) ou ainda como proprietários de pequenos estabelecimentos comerciais.

Também a este grupo pertencem os mais famosos ladrões de Patópolis, os Irmãos Metralha, eternos perseguidores da fortuna de Patinhas os quais, invariavelmente, são mal sucedidos em suas tentativas<sup>17</sup>.

---

15 Em termos de heroísmo, as aves somente encontram rival no camundongo Mickey, verdadeiro paladino da justiça e ser que beira a infalibilidade. É interessante que, embora sejam negros, tanto Mickey, como sua companheira e namorada Minnie e seus sobrinhos, têm as mãos e os rostos brancos.

16 Na verdade, o Professor Pardal não é um pardal. Trata-se, provavelmente, de uma cegonha.

17 É significativo o fato de que tanto os políticos como os policiais, os advogados e os pequenos comerciantes pertençam ao mesmo grupo étnico dos ladrões.

Finalmente, no extremo inferior, temos os seres humanos. Muitas vezes ocupam postos que exigem baixa qualificação. São faxineiros, varredores de rua, motoristas de táxis, balconistas, pedreiros, paideiros, leiteiros, etc. Muitos são desempregados em busca de um emprego que pouco lhes exija ou vivendo às custas de pequenos golpes, falhas de caráter dos humanos, a partir dos quais se consegue ressaltar a honradez e o altruísmo dos patos.

São os humanos freqüentemente feios, grandes, sujos e de coloração laranja ou marrom claro<sup>18</sup>, contrastando com a alvura e leveza dos patos.

## A ESTRUTURA POLÍTICA

O aparelho de Estado é bastante simplificado. O poder executivo é exercido por um prefeito apoiado num conselho municipal, que faz as vezes de legislativo, embora ao prefeito caiba a última palavra. Desse conselho fazem parte os financistas<sup>19</sup>, o chefe de polícia e outros membros de atividade não definida, embora sua aparência e vestuário<sup>20</sup> os indiquem como procedentes da elite. O poder judiciário é exercido por um juiz, também do grupo dos cães e porcos, que usa toga e geralmente se equivoca em suas sentenças.

O papel do governo pode ser compreendido a partir de suas atividades mais constantes; por um lado, a promoção de festas, homenagens e cerimônias de premiação, e, por outro, a garantia da propriedade privada, objetivo este que, com a ajuda dos heróis, é sempre alcançado no final de cada história<sup>21</sup>.

18 Esses traços se referem aos humanos de Petrópolis. Os habitantes de outros países são dos mais variados tamanhos e cores. Podem ser altos ou baixos, grandes ou pequenos, e das mais variadas cores, do marrom escuro ao amarelo claro, passando por vários tons de vermelho e até mesmo azuis, mas, raramente brancos.

19 A rigor, o Tio Patinhas não pode ser considerado um banqueiro, na medida em que a concessão de crédito não faz parte das atividades de suas empresas.

20 Todos eles têm porte ativo, usam ternos e gravatas e costumam ostentar jóias e relógios.

21 É, no entanto, bastante deficiente o sistema carcerário, de cujos estabelecimentos os ladrões continuamente conseguem fugir. As penas cumpridas não são maiores que o tempo entre uma edição e outra e, às vezes, duram apenas o tempo suficiente para virarmos a página.

## A BASE ECONÔMICA

A base econômica de Patópolis desperta bastante interesse. As histórias mostraram a predominância do setor primário e do terciário, e, por incrível que pareça, do artesanato. Incrível porque, apesar da sofisticação e quantidade dos bens consumidos, no mundo de Patópolis a indústria, simplesmente, na grande maioria das vezes, não existe. Quando se falou de economia, a existência da indústria foi omitida, embora fossem explícitas as menções à agricultura, ao comércio e ao turismo. Algumas vezes ela foi substituída pelo artesanato.

Das cinquenta e três revistas pesquisadas, a indústria aparece em apenas duas, tendo ocupado apenas quatro quadrinhos no total. Mesmo assim, delas vê-se apenas o seu "skyline" enfumaçado e distante, acompanhado de uma crítica à poluição e ao caos urbano.<sup>22</sup> Nos demais países, todos eles econômica e tecnologicamente atrasados com relação à Patópolis, a indústria também não existe.

Da mesma forma, em nenhuma das estórias foi possível encontrar o operariado. As pessoas trabalham no comércio, na agricultura, nos hotéis, nos órgãos de comunicação ou na agricultura, nunca nas indústrias. Num mundo repleto de bens duráveis a imagem do operário simplesmente não existe. Sua figura é substituída pela do seu antecessor, o artesão.

Os trabalhadores existem para as atividades domésticas (faxineiras e empregadas), para a prestação de serviços (motoristas, carregadores, garçons, guias turísticos, carteiros e office-boys) ou para possibilitar o comércio (vendedores e balconistas).

Essa visão do que seria a classe trabalhadora pode ser elucidativa para que se possa perceber a concepção de mundo embutida nas histórias de Disney. E o mundo dos patos salta aos olhos como o verdadeiro sonho da burguesia: a produção sem indústrias e o consumo sem o proletariado. Ao substituir o operário pelo artesão, desaparece aquilo que Marx chamou de equação geral do capital, o D-M-D'

22 Da mesma forma que as classes dominantes podem transitar, anos e anos, pelos seus bairros, sem visualizar a existência das indústrias, o leitor pode percorrer páginas e páginas, livre dessa presença indesejável e daqueles que em seu seio labutam.

não acontece e a própria luta de classes deixa de existir. O dinheiro é um simples intermediário nas trocas, não se torna capital nem existe enquanto tal. Por trás dos sofisticados bens de consumo duráveis de Patópolis está uma sociedade mercantil simples, onde a equação fundamental é M-D-M.

Também na agricultura o trabalhador é prescindível. A atividade agrícola é de coleta num solo absurdamente fértil. Tudo o que cai no chão floresce com uma velocidade incrível, restando o trabalho apenas de apanhar aquilo que a Natureza criou<sup>23</sup>. Ninguém ara, semeia ou fertiliza o solo. Os produtos agrícolas estão sempre à disposição de quem queira colhê-los. O único trabalhador rural encontrado é o provável sobrinho<sup>24</sup> da Vovó Donalda, Gansolino, conhecido por sua enorme preguiça e por gastar quase todo o seu tempo no ócio.

De novo, o mundo mágico da burguesia se revela: dos campos e das árvores os produtos agrícolas aparecem repentinamente nas feiras e nos supermercados, sem que ninguém os tenha plantado ou transportado, prontos para serem comprados e consumidos.

## O TRABALHO E O EMPREGO

Mesmo que a idéia da honra pelo trabalho esteja sempre presente, inclusive com menções explícitas, o único personagem importante, embora de importância secundária, a ter um emprego fixo é o Peninha, que trabalha num jornal do Tio Patinhas.

---

23 Nem mesmo os fisiocratas poderiam imaginar tanto.

24 Não foi possível identificar a relação de parentesco existente entre ambos. Aliás, embora seja conhecida como vovó, nenhum dos patos é realmente seu neto, uma vez que em nenhum momento foi dito quem seriam seus filhos. Assim o Pato Donald, certamente não é seu filho, mas também não é seu neto, talvez seja seu sobrinho-neto, pois não se sabe ao certo se a Vovó Donalda é solteira ou viúva, nem quem seriam a mãe ou o pai de Donald. No entanto, a existência de um parentesco é evidente, inclusive quando consideramos a semelhança entre os sobrenomes. Estabelecer relações genealógicas entre os patos é algo bastante difícil, pois neste mundo de Disney não existem pais ou mães e filhos, com exceção do Lobo Mau e do Lobinho. A relação de parentesco predominante é Tio-Sobrinhos, sem nenhuma menção à paternidade ou à maternidade. No entanto o processo de geração espontânea e assexuada dos personagens de Disney não deixa de ser algo fantástico, o que pode ser comprovado pela abundância de gêmeos, trigêmeos e até quadrigêmeos. Por outro lado, o único progenitor verdadeiramente declarado, o Lobo Mau, não pode ser considerado um bom exemplo de pai.

Os demais vivem em uma interminável série de empregos temporários ou então no ócio, caso típico do Pato Donald, e se estão trabalhando é para comprar os bens de luxo ou para viajar. Ninguém trabalha para pagar o aluguel ou para comprar comida.

Além disso, é perceptível a consideração do trabalho manual como inferior e desagradável embora, em alguns momentos, Donald tenha que se submeter a eles em troca de uma recompensa ou para pagar um de seus intermináveis carnês de crediário.

Da mesma forma que os produtos agrícolas, os empregos estão sempre disponíveis, bastando para tanto que as pessoas queiram trabalhar.<sup>25</sup> Um exemplo disso são os títulos de dois jornais utilizados por Donald, em uma das histórias, onde pretende um emprego: o primeiro chama-se "A Moleza" e o outro, mais explícito, tem o expressivo nome de "Guia dos Folgados".

O trabalho enobrece e o emprego é fácil, só os preguiçosos não trabalham e, portanto, não merecem a honra. Assim é Patópolis. Donald, na sua constante troca de empregos, na sua busca de um trabalho "fácil", nas suas eternas dificuldades financeiras, acaba revelando um outro aspecto da lógica patopolense: também os membros menos abastados da elite devem se submeter ao imperativo do emprego, mesmo que temporariamente, e assim o fazem, para garantir o "status" e o consumo.

## O CONSUMO

Consumir é o grande ato de prazer dos habitantes de Patópolis, o grande mobilizador de suas ações.<sup>26</sup> Para a quase totalidade dos per-

25 A única exceção encontrada foi numa história na qual Donald precisava de um "atestado de laboriedade", que seria obtido após um dia de trabalho, para ter direito à herança de um parente distante. Nessa história, nosso herói percorre, sem sucesso, diversas lojas, hotéis e supermercados à procura de emprego, até que aceita, feliz, trabalhar, de graça, como faxineiro. Infelizmente, seu intento não é bem sucedido, os bens já haviam sido doados a instituições beneficentes, e a ele cabe um pequeno bilhete ressaltando que o trabalho lhe será sua maior recompensa.

26 Por outro lado, o prazer sexual é inexistente. As relações homem-mulher são assexuadas e se traduzem num eterno jogo de cortejamento e sedução, sem que isso resulte em qualquer contato físico mais íntimo. Não existem personagens casados, embora o casamento seja, em algumas histórias, uma promessa distante. Frequentemente, o homem compete pela mulher, quer salvá-la, compra-lhe presentes, sem qualquer resultado. Vive-se o típico amor cortês, um eterno coitus interruptus.

sonagens o consumo é fonte de prazer e símbolo de realização e de "status" e o desejo de comprar está presente na grande maioria das histórias.

A única exceção nesse quadro é o eterno pão-duro Tio Patinhas, para o qual o prazer do consumo é largamente superado pelo de entesourar dinheiro em sua caixa forte, onde, inclusive, costuma banhar-se em notas e em moedas de ouro<sup>27</sup>.

Os adultos, predominantemente, estão em busca de bens duráveis de consumo. Automóveis e eletro-eletrônicos são os grandes objetos do desejo dos personagens masculinos, enquanto as mulheres preferem os produtos da linha branca, além de jóias e vestidos caros. As crianças demandam guloseimas e revistas.

Sob esse consumismo desenfreado, as relações pessoais acabam se traduzindo num complexo sistema de recompensas, onde as boas ações são sempre acompanhadas de um prêmio: o acesso à mercadoria desejada ou ao dinheiro que possibilite sua aquisição. Assim, crianças só estudam ou obedecem por dinheiro ou doces e adultos somente se sacrificam para consumir. Desaparecem, assim, quaisquer sentimentos espontâneos ou desinteressados e a vida é uma eterna luta para consumir.

Viajar também é um grande sonho dos habitantes de Patópolis, sendo as viagens, além de prêmio final, também um elemento possibilitador das aventuras.

Os destinos são sempre semelhantes. Grande parte das viagens tem como objetivo a ida para o campo, o que serve como contraponto para questionar os principais problemas urbanos, o trânsito caótico e a poluição do ar. Geralmente são mal sucedidas, em função da falta

---

27 A partir de duas funções básicas da moeda, de servir como intermediária de troca e de reserva de valor, Keynes acredita que a motivação para a preferência pela liquidez advenha da utilização da moeda para a compra, para especulação ou como precaução. No caso do Tio Patinhas, acredito que a precaução seja a causa fundamental, embora, haja incoerência nessa atitude, uma vez que o entesouramento acaba se transformando numa fonte de preocupações, na medida em que sua fortuna é constantemente assediada pelos Irmãos Metralha. Por outro lado, a preferência pelo ouro ao invés do papel-moeda está correta, uma vez que o metal precioso apresenta maiores garantias contra a desvalorização e a inflação, sendo facilmente conversível e valorizável.

de conforto e segurança do meio rural e do campo. Os patos são totalmente incapazes de serem felizes longe de seus eletrodomésticos, o que faz com que, nessas histórias, o final feliz seja o retorno à metrópole.<sup>28</sup>

O segundo grupo de viagens acontece para países exóticos e distantes. Inca Blinca, Aztecolândia, Chileguai, Esfingelândia, Criptânia (Uritânia), até os incríveis Antofagasta e Inestablestan, são palcos das aventuras de nossos heróis, que vão em busca de poços de petróleo, plantações de bananas, ou simplesmente a passeio.

Mas os grandes motivadores dessas viagens são os tesouros perdidos. Fortunas em ouro e pedras preciosas, esquecidos em outros países e desprovidos de utilidade para aqueles povos, são apropriados pelos patos em troca de quinquilharias, ou são, simplesmente, recebidos de presente. O livro de Dorfman é, nesse sentido, repleto de exemplos e, apenas para ilustrar, cabe aqui uma pequena história, que pode ser considerada representativa desse conjunto: numa dessas viagens, Patinhas, Donald e seus sobrinhos chegam a um pequeno país, onde as pessoas viviam em eterna infelicidade. Tal atitude parece estranha aos patos, uma vez que nesse país havia um enorme tesouro legado pelos seus antepassados e em grande medida os objetos eram feitos com ouro.

Mas o metal não servia para nada, diziam eles, pelo menos para nada que lhes trouxesse a felicidade. Em determinado momento, os sobrinhos começam a brincar de fazer bolhas de sabão, o que provoca grande admiração e cobiça nos nativos. Após um rápido processo de negociação, o "know how" para a produção de bolhas de sabão é transferido para os nativos em troca de seu inútil tesouro. E assim termina a história, todos felizes, cada qual com sua fortuna<sup>29</sup>.

---

28 Muitos paulistanos entenderão o que estou dizendo.

29 Embora inofensiva essa historietta me faz pensar nas enormes reservas minerais da América Latina, grande parte delas trocada, porque não dizer, por bolhas de sabão.

### 3. A CIÊNCIA PATO-LÓGICA

Chegamos assim ao ponto central desse ensaio: que papéis são atribuídos à ciência e aos cientistas pelos valorosos heróis de Patópolis?

Embora sumária e insuficiente para entendermos toda a complexa sociedade patopolense, a descrição feita anteriormente nos mostra quanto são claras as opiniões desses personagens e de que forma eles encaram alguns aspectos de sua vida cotidiana. No seu conjunto, os patos acabam formando um corpo relativamente uniforme quanto à sua concepção de mundo. Essa clareza também está presente, de forma até mais explícita, no que pensam a respeito da ciência e dos cientistas.

O estereótipo do cientista é o Professor Pardal, pelo menos do "bom" cientista e da "boa" ciência.<sup>30</sup> O seu contraponto é o Professor Gavião, ave marrom, ligada aos "bandidos" de Patópolis, mas que muitas vezes age sozinho. Seus grandes anseios são "dominar o mundo" ou conseguir a fortuna<sup>31</sup> do Tio Patinhas, sendo que, da mesma forma que ocorre com o primeiro, seus inventos acabam fracassando no final.

A ênfase, neste ensaio, será dada ao Prof. Pardal, o representante da ciência "boa", sendo o seu rival utilizado apenas como contraponto quando isto se fizer necessário. Esta opção não prejudica a interpretação do papel da ciência em Patópolis, uma vez que a trajetória do Prof. Gavião obedece a uma lógica mais importante no mundo de Disney, a da luta do bem contra o mal, dos "mocinhos" contra os "bandidos", que sempre resulta na vitória dos primeiros sobre os segundos. Sua condição de cientista não pode predominar sobre essa regra básica moral. Em outras palavras, pouco importa que o Prof. Gavião seja ou não um cientista, ele, acima de tudo, é um bandido que insiste em violar as regras morais de Patópolis, como todos os demais bandidos, e acaba sendo preso no final.

---

30 No caso, o que vale são as intenções, uma vez que os resultados de suas experiências são quase sempre negativos.

31 Não seriam a soberba e a cobiça os grandes pecados capitais dos cientistas?

Voltemos assim nossa atenção para o Prof. Pardal, figura excêntrica, chamado muitas vezes de "grande cientista" ou "o maior inventor". Como já foi dito, o Prof. Pardal não é um pardal e o formato do corpo e a cor das penas são um indicativo disso. Mas, dentro dessa estrutura étnica, Pardal faz, certamente, parte do grupo dominante.

Optou-se, assim, por um nome, que embora simpático, não coaduna com a figura, o que não deixa de ser sugestivo. A rigor, o pardal é uma ave mais nociva do que benéfica, uma vez que não se alimenta de insetos, mas de grãos de cereais ou sementes de gramíneas, arrancando muitas vezes brotos e sementes, prejudicando as plantações. Por outro lado, esse ploceídeo tem o hábito de construir seu ninho em calhas ou beirais de residências, entupindo-os com seus detritos. Um aspecto interessante é que, em função de seus hábitos, o pardal é considerada uma ave "doméstica", uma vez que somente pode ser encontrada próximo a comunidades humanas.

Da mesma forma, o Prof. Pardal vive próximo ao cotidiano de Patópolis, sem, contudo, inserir-se nele. Vive solitário, não tem namorada ou amigos, a não ser o estranho Lampadinha, um pequeno ser que tem uma lâmpada no lugar da cabeça, cujo nome originalmente era Newton.

Lampadinha é a própria consciência crítica de Pardal, seu "grilo falante", poucas vezes escutado, mas cujas críticas se revelam, no final da história, corretas. Esse ser enigmático é a própria voz da razão, o "espírito da ciência" que não é ouvido pelo cientista, motivo pelo qual ele invariavelmente erra. Apesar dos constantes malogros das invenções do Prof. Pardal; a culpa é sempre sua, não da ciência, que permanece pura e correta. A presença do Lampadinha nesse processo é a garantia de que a ciência poderia resolver os problemas a ela apresentados, caso erros, muitas vezes ingênuos, não fossem cometidos.

Aliás, a idéia da ciência como solucionadora dos problemas da sociedade está sempre presente nas histórias de Patópolis. Por diversas vezes o Prof. Pardal é chamado a intervir e, em outras tantas, ele mesmo se propõe a resolver algum problema por ele detectado. Es-

sas soluções se resumem à produção de algum artefato, fruto de uma genialidade solitária, e produzido artesanalmente.

Embora o Prof. Pardal se manifeste numa linguagem muitas vezes hermética à maioria dos leitores, quando se refere ao processo de criação dos artefatos, bem como aos princípios de seu funcionamento<sup>32</sup>, os inventos são bem recebidos pelos demais personagens. Afinal, era isto que se esperava do cientista.

Aqui, alguns aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, a ciência somente é considerada útil desde que se proponha a resolver determinado problema. A solução, invariavelmente, se apresenta como a produção de um artefato, ou seja, a ciência quase que se confunde com a tecnologia dela oriunda. Não é de se estranhar, por exemplo, que numa iniciativa do Conselho Municipal para despertar o interesse das crianças pela ciência, o Prof. Pardal logo de início se proponha a produzir artefatos<sup>33</sup>.

Outro aspecto diz respeito ao processo de criação, sobre o qual o cientista tem autonomia plena. Pardal e Lampadinha (o cientista e a ciência) trancam-se no laboratório, isolados de tudo e de todos. Desse isolamento surgem as invenções. O cientista é, dessa forma, autônomo quanto ao seu trabalho, não tem vínculo com empresas ou grupos sociais,<sup>34</sup> o que acaba conferindo, à ciência e à tecnologia oriunda da ciência, uma ilusão de neutralidade.

Embora Pardal seja claramente bem intencionado, suas invenções invariavelmente resultam em fracasso. Quase sempre elas conseguem atingir os objetivos propostos, mas os efeitos colaterais acabam sendo muito mais danosos do que o problema inicial. Em alguns casos, esses efeitos advêm do seu mal funcionamento após certo

---

32 Fórmulas de geometria e física e termos de difícil compreensão para o leitor comum preenchem, com freqüência, os balõeszinhos do cientista.

33 Não é de se estranhar, também, que o título da história se chame "Aula de Invenções", que serviu, também como título original deste ensaio.

34 Em nenhum momento é mencionado como o Prof. Pardal ganha a vida. Sabe-se que não recebe salário, uma vez que não tem emprego, mas, por outro lado, constantemente tira férias. Talvez seja bolsista de algum órgão financiador. Isto é, no entanto, apenas uma suposição.

tempo ou de pequenos "esquecimentos" do cientista, sempre previstos ou conhecidos pelo Lampadinha.

O fato de que têm plena autonomia e de que dominam temas complexos e impossíveis de serem apreendidos pelas pessoas comuns, confere aos cientistas, representados pelo Prof. Pardal, a total responsabilidade por aqueles problemas. Assim, a poluição do ar, o desemprego tecnológico, os engarrafamentos no trânsito e uma série de outros problemas da sociedade moderna são apresentados como decorrentes de pequenas falhas cometidas pelos cientistas.

Em resumo, nessas histórias, são claras as idéias de que os problemas sociais são resíduos marginais da tecnologia e de que a responsabilidade pelos mesmos é sempre atribuída ao seu produtor e não a aquele que a utiliza ou encomenda. Ao se desvincular o cientista do sistema produtivo e ao conferir-se-lhe plena autonomia em seu trabalho e ao se associar fortemente a ciência à tecnologia, toda a responsabilidade sobre os problemas suscitados pelo emprego desta passam a ser causados pelo cientista.

É por isso que, freqüentemente, as histórias terminam com o Prof. Pardal fugindo, perseguido por aqueles a quem propunha ajudar. Nessas fugas, sua responsabilidade é ainda mais fortemente ressaltada pela figura impávida do Lampadinha, deixando sempre a entender que ele (a ciência) tinha as respostas certas.

#### 4. CONCLUSÃO

De tudo o que foi apresentado neste artigo, resta uma questão: quem é que nos fala através desses personagens?

Os elementos apresentados nos tópicos anteriores fornecem algumas pistas para tentarmos desvendar esta questão. Embora o senso comum possa atribuir às histórias em quadrinhos a impressão de neutralidade, da mesma forma que ao texto científico, essas histórias acabam refletindo a estrutura de valores e a ideologia daqueles que as produziram.

Dessa forma, podemos levantar a hipótese de que a visão que os patos têm do mundo revela a visão de seus produtores, visão essa que acaba coincidindo com a de determinados grupos ou com a de uma classe social.

Um mundo voltado para o consumo, para a compra de bens duráveis e para viagens; onde a produção acontece sem a presença das indústrias e o consumo sem o proletariado; onde o emprego aparece como uma dádiva pronta para ser recolhida, sendo os desempregados, portanto, preguiçosos; onde os pobres existem para prestar serviços; onde políticos e juizes têm o mesmo aspecto dos ladrões e bandidos e onde os problemas sociais são simples resíduos marginais da tecnologia, é, pois, o mundo dos patos. E essa é a visão do mundo apresentada por eles.

Por trás do rosto inofensivo desses personagens, pode-se, dessa forma, divisar o rosto da burguesia, e, por trás de suas falas, a ideologia da classe dominante, que, através de revistas aparentemente ingênuas, é apresentada a milhões de leitores no mundo todo.

O desprezo dos cientistas pelas histórias em quadrinhos acaba encontrando, assim, reciprocidade. A eles é atribuída a responsabilidade pelos problemas que afligem a sociedade e deles se cobra as soluções. Sua linguagem hermética, sua solidão, sua incapacidade de apreender a realidade e de apresentar soluções são expostas e ridicularizadas, o que os obriga a fugir ao final de cada história.

Para muitos cientistas, essa imagem acaba sendo favorável. Talvez seja melhor ser conhecido como o pobre e solitário gênio inventor, bem intencionado mas carente de senso prático. É provável que dessa imagem "romântica" pouco restasse se os mecanismos de financiamento das pesquisas, se a sua cumplicidade com os interesses econômicos, se a submissão da lógica científica à lógica da acumulação, se o desdém e a irresponsabilidade com que encaram a utilização de suas descobertas e se a prepotência ou a ganância de determinados centros acadêmicos fossem tornados públicos.

Mas, quanto a isso, os cientistas podem ficar tranquilos. Estampar em milhões de exemplares tal submissão é destruir a idéia, cara ao

sistema, da racionalidade da ciência e da tecnologia. A forte interpenetração existente entre ambas é que acaba por transferir à tecnologia, e, por decorrência, ao próprio sistema que a gera e utiliza, a mesma justificativa ideológica que suporta o trabalho científico.

Dessa forma, a idéia de que somente o conhecimento científico é um conhecimento verdadeiro e objetivo, e, portanto, universal, válido em qualquer tempo e local, acaba por ser também transferida à tecnologia. Neste sentido, somente a ciência e a tecnologia nascida da ciência, podem resolver os problemas humanos, até mesmo os problemas psicológicos, morais, sociais e políticos.

Ao incorporar a ciência e ao submeter o trabalho científico à lógica da acumulação e ao fortalecer os laços entre a ciência e a tecnologia, o capital, além do dinamismo imprescindível à sua acumulação, acaba por conquistar mais um poderoso instrumento ideológico: a idéia de racionalidade de sua tecnologia e do seu processo produtivo. O progresso humano e social, acaba, dessa forma, sendo percebido como progresso técnico e material, e os avanços do, capitalismo, nessa direção adquirem, perante o senso comum, aprovação e aceitação plenas.

E assim, os cientistas continuarão sendo vistos, no mundo dos patos, como bem intencionados gênios inventores, incapazes de resolver os problemas sociais, muitos deles gerados pelos seus próprios inventos. Mas as suas boas intenções os redimem e eles sempre serão perdoados. E o Prof. Pardal será elencado eternamente no grupo dos "mocinhos"...

Que os mortos de Hiroshima digam amém!